



TEACHER TRAINING AND THE PEDAGOGICAL USE OF TELEVISION AND CINEMA MEDIA: AN EPISTEMOLOGICAL PROCESS

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES (AS) E O USO PEDAGÓGICO DAS MÍDIAS CINEMA E TELEVISÃO: UM PROCESSO EPISTEMOLÓGICO

LAURA DUARTE MARINOSKI

MESTRE EM SOCIEDADE, CULTURA E FRONTEIRAS PELO PROGRAMA
INTERDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE
DO PARANÁ.

FORMADA EM PEDAGOGIA PELA MESMA UNIVERSIDADE.

FOZ DO IGUAÇU, PARANÁ, BRASIL.

LAURAMARINOSKI@HOTMAIL.COM

HÉLENA PAULA DOMINGOS

MESTRE EM SOCIEDADE, CULTURA E FRONTEIRAS PELO PROGRAMA
INTERDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE
DO PARANÁ.

FORMADA EM LETRAS PELA MESMA UNIVERSIDADE.

FOZ DO IGUAÇU, PARANÁ, BRASIL.

PAULADOMINGOS08@GMAIL.COM

DENISE ROSANA DA SILVA MORAES

COORDENADORA DO PROGRAMA INTERDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SOCIEDADE, CULTURA E FRONTEIRAS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO
PARANÁ.

FOZ DO IGUAÇU, PARANÁ, BRASIL.

DENISEPEDAGOGA@GMAIL.COM

Abstract

One cannot deny that the world has been transformed by technologies, more precisely from the 19th century on when media became more usual in everyday life, exerting direct intervention upon society. Television and film media has allowed for significant changes in life standards, for they powerfully restructure the ways of access to information and communication. Grounded on a literature review, and in the light of Cultural Studies and other theoreticians such as Bourdieu (1997), Setton (2004) and Nóvoa (19), among others of meaningful academic achievement, this paper encompasses the cultural movement television and film could provide to its receptors, by means of a critical and in-depth decoding of its symbolic capital. The methodological path is based on a literature review that is supported by two ongoing Master's Degree research articles, and characterized by a documental analysis in regards to the Child and Adolescent and Human Rights Statutes, where culture, reception, addressing modes, action research, verbal and visual elements call us for an interdisciplinary reflection. Furthermore, we approach television and film media as means of communication, which, if critically analyzed, are ways to get to know, understand and change the current reality. Thus, the objective is to understand the pedagogical contribution of television and film media through a cultural and interdisciplinary analysis. It is here understood that in the modern world, due to such rapid technological changes, a reflection and the knowledge about the culture of media is fundamental. Building knowledge nowadays means allowing for the opening of new scenarios. It means exiting the accuracy and tapping into all what human potential can conceive. It is having the chance to analyze the whole and discovering the infinites that fill it, not in search of evidence, but to understand the nature that constitutes human life.

Keywords: Education. Television and Film media. Teacher Training.

O mundo vem sendo transformado pelas tecnologias, mais precisamente, a partir do século XIX, em que as mídias se acentuaram no cotidiano, intervindo de maneira direta na sociedade; as mídias cinema e televisão têm possibilitado mudanças significativas nos padrões de vida, pois reestruturaram poderosamente as formas de acesso à informação e à comunicação. Com base na revisão de literatura, à luz dos Estudos Culturais e de outros teóricos como: Bourdieu (1997), Setton (2004) e Nóvoa (19), entre outros de expressiva atuação, pontua-se o movimento cultural que o filme e a televisão podem propiciar a seus receptores, por meio de uma decodificação crítica e aprofundada do seu capital simbólico. O caminho metodológico tem como base a revisão bibliográfica, ancorada em duas pesquisas científicas em andamento em nível de mestrado, caracterizadas por análise documental, no tocante ao Estatuto da Criança e do Adolescente e dos Direitos Humanos, em que a cultura, a recepção, os modos de endereçamento, a pesquisa-ação e as linguagens verbalizadas e imagéticas convidam a uma reflexão interdisciplinar. Ainda, pontuamos as mídias cinema e televisão como formas de comunicação, que analisadas criticamente, se constituem em maneiras de conhecer, entender e modificar a realidade vivida. Em que o objetivo centra-se em

compreender a contribuição pedagógica das mídias cinema e televisão em uma análise cultural e interdisciplinar. Analisa e reconhece que na contemporaneidade, diante de mudanças tecnológicas tão velozes, são fundamentais a reflexão e o conhecimento sobre a cultura da mídia. Construir saberes hoje é permitir abrir novos cenários, é sair da concretude da exatidão para tudo que a potencialidade humana pode conceber; é ter a chance de analisar o todo e descobrir as infinitudes que o preenchem, não para comprovar, mas para compreender a natureza que compõe a vida humana.

Palavras-chave: Educação; Mídias TV e Cinema; Formação de Professores/as

Introdução

O uso das tecnologias tem redimensionado o espaço escolar que passa, sem dúvida, por profundas mudanças nos mapas mentais, nas linguagens e percepção de tempo e espaço, exigidos pelas novas formas de complexidade que revestem a ação pedagógica. O cinema a televisão e a escola vêm se relacionando há algum tempo, embora ainda não se reconheçam como parceiros na formação humana.

Ao trabalhar com os sons, imagens e textos escritos, o hipertexto hibridiza a densidade simbólica, o que por sua vez revela a passagem da primazia sensório-motriz a sensório-simbólica (MARTÍN-BARBERO, 2006). A visibilidade da imagem converte-se em legibilidade, e isso permite passar do estatuto epistemológico ao de mediação discursiva, da fluidez da informação ao poder virtual do mental.

Neste contexto, a busca de interfaces teóricas e metodológicas advindas das mídias, mais especificamente, as mídias cinematográfica e televisiva, como forma de novos letramentos, é uma questão que tem se mostrado relevante e urgente.

Essa interface tem sido um desafio, que efetivamente deve ser prioritariamente enfrentado no campo das políticas públicas, todavia, o professor e a professora é quem, em última instância, pode contribuir ao problematizar a elaboração de uma nova didática para a escola, ao julgar um conteúdo e tomar decisões sobre eles. Ou seja, é preciso conceber a inovação tecnológica como um processo dialético entre os significados prévios do/a professor/a e os das novas propostas.

Este artigo versa sobre as pesquisas realizadas com as mídias cinema e televisão e a intersecção com o campo da educação e das humanidades. Busca no diálogo com as ciências humanas, a possibilidade de inserção teórico-prática no fazer pedagógico docente, com vistas a uma formação continuada interdisciplinar que promova e ressignifique a ação docente, inspirados pela Pedagogia da Imagem (MOSTAFA; NOVA CRUZ, 2010), ao mesmo tempo que motiva à aprendizagem e instiga, contribui também para uma leitura crítica da realidade e do contexto.

A opção pela axiologia dos Estudos Culturais é fundamental para a compreensão do caráter socio-histórico cultural das novas tecnicidades e dos novos modos de leitura, escrita e textualidade como variedade de textos culturais, e nesse âmbito problematizar a formação que epistemológica ultrapassa os limites do treinamento (Moraes, 2013).

Para melhor compreensão, este artigo está organizado didaticamente da seguinte forma: inicialmente, apresenta as pesquisas realizadas em âmbito de mestrado acadêmico tendo como *corpus* metodológico as mídias cinema e televisão. Concomitante, suscita uma discussão teórica que contribua para uma formação inicial e continuada dos/as professores/as da Educação Básica.

Neste viés, esta pesquisa justifica-se pela necessidade de buscar alternativas que dialoguem com uma prática pedagógica interdisciplinar e atual, considerando a sociedade cada vez mais digital, e o apelo para que a sala de aula, bem como a escola possa configurar-se em espaços ricos de simbologia e dinamicidade.

“Viva o cinema” – uma experiência estética e literária

A arte literária e a cinematográfica, promovem leitura crítica, bem como fruição estética, uma vez que a literatura é uma forma de conhecimento da realidade que se serve da ficção e tem como meio de expressão, a linguagem artisticamente elaborada (D’ONOFRIO, 1990, p. 9).

É proposta dessa investigação, alicerçada aos Estudos Culturais, analisar o papel desempenhado pela mídia cinematográfica por meio de filmes oriundos de obras literárias, na problematização das relações de poder imbricadas nos artefatos culturais e produtos simbólicos midiáticos. Por meio dos seminários de visualização de filmes e discussões de conteúdos presentes em suas narrativas fílmicas, a

proposta é ressignificar o que é visto e construir pontes de acesso a essa mídia na escola, no sentido de que os/as professores/as possam responder de que forma lêem e trabalham os conteúdos dos filmes.

Com o pressuposto fundamental de que a formação é um ato coletivo antes de tudo, admitimos ainda que o intento é descrever e analisar um conjunto de processos considerados instáveis, cujos contornos só podem ser desenhados de maneira parcial, reconhecendo a amplitude do objeto. Neste amplo contexto de significações, Benjamin (1987, p.188) expressa:

O filme serve para exercitar o homem nas novas percepções e reações exigidas por um aparelho técnico, cujo papel cresce cada vez mais em sua vida cotidiana. Fazer do gigantesco aparelho técnico do nosso tempo objeto das inervações humanas – é essa a tarefa histórica cuja realização dá ao cinema, seu verdadeiro sentido.

Corroboramos Benjamin, ao denotar a importância do sentido que deva ser atribuído à mídia cinema como contributo pedagógico com potencial altamente criador e problematizador da vida e de contextos humanos. A análise de um filme nos permite entrar em outra dimensão do conhecimento, da representação e entender como a narrativa fílmica constrói essas representações. A linguagem cinematográfica possui vários recursos que permitem que a relação entre o filme e o imaginário social se efetive.

A literatura tem fornecido um universo de temas e de estruturas narrativas à cinematografia. É notório que as duas linguagens guardam proximidade pelo uso da palavra e por sua natureza narratológica. O cinema não deixa de estabelecer relações com a literatura, uma vez que o texto fílmico, geralmente, narra uma sequência de eventos ocorridos com determinados personagens num determinado espaço e tempo, isto é, narra frequentemente uma história.

Para Mostafa (2008) em uma cultura contemporânea eminentemente imagética, a escola não pode ficar alheia aos processos de construção de novas linguagens e precisa viabilizar outras possibilidades para o conhecimento construído no processo escolar. Há que se considerar o vínculo entre cinema e educação com maior acuidade, epistemologicamente como um contributo pedagógico que extrapola

os textos convencionais e amplia a percepção de que somos professores/as de nosso tempo, um tempo que demanda uma pedagogia do pluralismo (ROJO, 2013).

Esta asserção traz o sentido e a finalidade de educar para a sensibilidade intercultural, ainda mais especificamente em um ambiente que contempla diferentes fronteiras, por meio das lentes multifocais do cinema que aproximam ficção e realidade.

Apresentamos o *corpus* da pesquisa intitulada “Viva o cinema”, realizado como projeto de extensão em uma universidade pública. Para o desenvolvimento da ação por meio de seminários na formação com os/as professores/as foram realizados oito (08) encontros de quatro (04) horas, totalizando trinta e duas (32) horas presenciais e oito (08) horas à distância para elaboração coletiva de um plano de ação interdisciplinar. Como caminho metodológico de análise, selecionamos os filmes *Frankenstein* (2004), de Mary Shelley (1797-1851) e *1984* (1984), oriundo da obra literária homônima de George Orwell (1903-1950).

Destacamos a pauta para cada encontro, que contemplou além da análise fílmica, a abordagem de textos de fundamentação teórica acerca do trabalho pedagógico com a mídia cinematográfica. Esse estudo com professores/as em número de 12 (doze) teve como escopo teórico o campo dos Estudos Culturais, bem como, a tradução Intersemiótica, definida por Jakobson (2000, p. 65) como “a transmutação ou interpretação de signos verbais em signos não-verbais”.

Essa formação, base para a pesquisa, teve como proposta vivenciar e celebrar a sétima arte, como contribuição à educação escolar. Corroborando a pesquisa-ação organizamos seminários de problematização, estudo e tomada de posição quanto ao tema proposto, conforme postula Thiollent (2002, p. 58) “o seminário centraliza todas as informações coletadas e discute as interpretações”. Para a realização dos seminários presenciais, a revisão bibliográfica, os modos de endereçamento e a análise fílmica foram metodologias indicadas.

Para compor as análises desta pesquisa, valemo-nos da abordagem multiperspectívica proposta por Kellner (2001), que explicita que é a presença de várias perspectivas disciplinares conduzindo a uma discussão interdisciplinar por meio de uma ampla gama de estratégias textuais e críticas para interpretar, criticar e desconstruir as produções culturais. Assim, o autor expressa que uma abordagem

multiperspectívica deve necessariamente ser histórica, considerando o contexto social e histórico.

Assim, selecionamos contextos que caracterizaram esta pesquisa-ação, sendo que o primeiro encontro de formação ocorreu no dia 14 de abril de 2015, e foi apresentada a pesquisa e suas contribuições científicas. Expusemos os objetivos da formação, bem como da natureza interdisciplinar da investigação. A formação continuada contou com a participação de 12 professores/as da rede pública estadual de ensino que lecionam distintas disciplinas do currículo escolar. O primeiro encontro abordou a fundamentação trabalhada na pesquisa sob a luz do campo teórico dos Estudos Culturais, bem como a interdisciplinaridade como contributo pedagógico à formação docente. Elaboramos, *a priori*, uma compilação de textos.

O material organizado de cunho didático pedagógico tem como contribuição e fundamentação teórica, textos selecionados que evidenciam a temática abordada durante os encontros de formação. Foi trabalhado o artigo *Epistemologia da Interdisciplinaridade*, de Olga Pombo (2007) com o intuito de familiarizar os pares acerca da natureza interdisciplinar da pesquisa. Em seguida, apresentamos os filmes selecionados e já referidos na pesquisa.

Ainda, foi abordado o contexto histórico das épocas que despontavam as referidas obras literárias. Como primeira impressão, os/as professores/as participantes estavam entusiasmados/as, vislumbravam nova possibilidade dentro de seus respectivos campos do saber. Assim, foram contribuindo e suscitando questões que serão explicitadas ao longo deste diário de campo. Metodologicamente para a organização da pesquisa foi necessário preservar os/as participantes, suas respostas e contribuições serão registradas com o uso de letras.

A primeira pergunta foi em relação a se usavam a mídia cinema em sala de aula. Dos 10 (dez) professores/as que responderam à indagação, 04 disseram que sim, 01 foi enfático em dizer que não e 05 responderam às vezes. Ainda em nível inicial de diálogo ao serem questionados de que maneira utilizam a mídia cinema em suas aulas, os/as professores/as que sinalizaram com a resposta positiva expuseram que o uso dessa mídia tem se dado da seguinte forma didática:

“Recorte de cenas de filmes para enfatizar os conteúdos abordados e ou fixação dos conteúdos” (professora A); “Contextualização dos conteúdos programáticos, propiciando a discussão e resultando em construir o conhecimento”

(professora B); “Através de documentários, curta metragem, recorte de filmes” (professora C); “Documentários, curta metragem e recortes de filme” (professora D). Uma professora foi enfática ao afirmar: “Não utilizo” (professora E). Já em relação aos que se referiram ao utilizar essa mídia em seu fazer pedagógico, “às vezes”, ponderaram que usam porque consideram ser um importante: “Apoio às aulas – contextualizo a história, os personagens, faço recorte histórico” (professora F); “Relacionando o filme com o conteúdo, fazendo uma análise crítica do assunto.

“Sempre trabalhei na Educação Infantil, onde o filme é usado para entretenimento, mas faço escolhas de filmes interessantes como “Rio” que mostra problemas da sociedade e ambientais, comportamento” (professora G); “Utilizo de acordo com o período e movimentos de arte, ou seja, apresento a abordagem social e o que devem observar no filme e depois fazer a associação, comparação com os estudos anteriores” (professora H); “Recortes de filmes, “trailers”, curta metragens para ilustrar conteúdo ou para fruição. Ex: leitura de poemas, dança típica...” (professor/a I); “Vídeos de curta metragem” (professor J).

As respostas dos/as professores/as nestas primeiras discussões nos seminários que se seguiram, evidenciam relação ao papel da mídia cinema e demais aparatos midiáticos na organização do trabalho pedagógico, é necessário ir além da instrumentalização puramente técnica, entretanto, aliar técnica à crítica para realizar uma reflexão pedagógica, e isso não é uma tarefa fácil. Isso porque somos herança de um modelo ainda fortemente marcado pela influência fordista, que fragmentou as disciplinas e os conteúdos. Neste sentido, forçoso é reconhecer que essas primeiras respostas denotam a formação positivista cartesiana, na qual a maioria de nós foi e ainda continua sendo formado/a (Moraes, 2013).

Essa formação foi marcada pela palavra especialismo, pois somos todos especialistas em determinado campo do saber. À medida que os encontros aconteciam delineava-se, ainda que timidamente, outra postura, mais interessada em relação à mídia cinema e sua possibilidade pedagógica. Foi uma formação continuada da **descoberta** (grifo nosso), do despertar para outros sentidos para além de simples entretenimento. Nesta perspectiva de descoberta em que a mídia cinema toma parte integrante do processo.

As palavras de Mostafa e Nova Cruz (2010, p. 35) expressam exatamente o que foi percebido no evento de formação “A questão não é como usar o filme em

sala de aula. “A questão é como usar o filme também na sala de estar”. As autoras ainda acrescentam que, essas pessoas na sala de estar, todo fim de semana estão matriculadas no curso da vida, percorrem um caminho, que Godard, referenciado pelas autoras, analisa que a história do cinema é a história de todos nós. A linha de pensamento desenhada por Godard sobre a mídia cinema constituir a história de todos nós e a matrícula no curso da vida proposta por Mostafa e Nova Cruz (2010) foi fortemente internalizada pelos/as professores/as nestes encontros de formação continuada.

Viva o Cinema, redundou na criação de um grupo no *whatsapp*¹, por sugestão dos próprios participantes, a fim de aprofundar discussões do uso pedagógico e interdisciplinar desta mídia nos encontros de formação continuada. De acordo com o pensamento de Mostafa e Nova Cruz (2010), no grupo do *whatsapp*, estávamos todos matriculados no curso da vida, já que nesta forma de comunicação midiática rápida e eficaz, trocávamos impressões acerca dos filmes assistidos no e fora do curso de extensão.

A seguir, para maior visibilidade, apresentamos a resposta de um/a professor/a, que em suas análises acerca da mídia enfatiza que também pode contribuir para ler a realidade de outra forma.

“O curso contribuiu muito pedagogicamente e pessoalmente, porque descobri que gosto de discutir um bom filme após ter assistido. É uma prática que nunca havia feito. Consegui observar detalhes que antes do debate não havia percebido e com isso enriqueci muito” (professora A).

A pesquisa-ação, como modelo de pesquisa qualitativa, consiste em evidenciar aos/às pesquisadores/as e grupos de participantes, neste caso, os/as professores/as, os meios de responder com maior eficiência aos problemas da situação em que vivem, em particular sob forma de diretrizes de ação transformadora.

¹ Rede social que permite que usuários possam compartilhar mensagens, vídeos e imagens através do celular. Disponível em <http://www.dicionarioinformal.com.br/whatsapp/> acesso em 30/12/2015.

Avaliação da formação continuada mediante diálogo final, e registro das respostas dos/das professores/as participantes. Para o encerramento os/as professores/as realizaram oito (08) horas de formação a distância, cujo objetivo foi explicitar por meio de *chats* sua experiência com a mídia cinema no espaço da sala de aula e da escola. Na busca pela compreensão do que significou esse curso de extensão para nossos pares, discutimos via internet: Esse curso de formação continuada interdisciplinar ofereceu contribuições para a sua prática docente? Se sim, quais foram essas contribuições? Registramos abaixo as respostas de alguns dos/as professores/as participantes.

“O curso foi de suma importância e teve contribuições significativas para formação pessoal e profissional. Permitiu a reflexão analítica, social e contextualizada. Permitiu a possibilidade do trabalho interdisciplinar com a mídia cinema. Propiciou um novo olhar, métodos e formas de observar filmes, envolvendo o contexto histórico em sala e as demais áreas do saber” (professora A).

“Aprendi que a mídia cinema é uma aparato pedagógico que serve para trabalhar temas relevantes da sociedade em sala de aula. Estimula o pensamento crítico e enriquece a metodologia de ensino” (professora G).

Considerações da pesquisa

Assim, ainda que brevemente, buscamos cartografar neste artigo, um panorama sucinto do projeto de extensão de formação continuada para os/as professores/as da rede pública de ensino, por meio da pesquisa-ação que elencava como objetivo geral a inserção teórico-prática da mídia cinema no fazer pedagógico de nossos pares. Esses encontros oportunizaram alternativas de percepção pedagógica por parte dos/as professores/as, como bem retratam seus comentários e contribuições durante o curso de extensão.

Quanto à pergunta, que envolve diretamente o problema de pesquisa, que perpassou toda a investigação, tanto pela revisão de literatura quanto pela pesquisa-ação, como a mídia cinema pode contribuir para uma leitura crítica da realidade?

A resposta a essa questão, encontra-se em toda revisão de literatura construída epistemologicamente com a contribuição dos/as autores/as que se debruçaram a estudar os fundamentos teóricos e metodológicos contidos nesta pesquisa. Para responder como essa mídia contribui para uma leitura crítica da

realidade, trazemos as reflexões de nossos pares materializadas em suas contribuições, discussões espontâneas nos seminários de formação continuada. As respostas legitimam epistemologicamente de que maneira os/as professores/as perceberam e experienciaram as inúmeras possibilidades pedagógicas para inserção da mídia cinema no espaço da sala de aula, independente do seu campo do saber.

Neste âmbito, os/as professores/as ao longo do curso, organizados/as pelas sendas da pesquisa-ação, iam conduzindo suas reflexões sobre como utilizar o cinema e os filmes endereçados para seu fazer docente. Nas discussões espontâneas sobre as temáticas abordadas pelos filmes, inicialmente, percebíamos como cada participante buscava atrelar o filme com seu campo do saber, não se permitindo uma visão interdisciplinar como experiência de abrir as fronteiras que confinam os saberes às disciplinas específicas.

No decorrer do processo e já incomodados epistemologicamente, timidamente os discursos vislumbravam um trabalho de cunho interdisciplinar e o uso crítico da mídia cinema, como fonte histórica e documental de uma época. Isso reitera à questão central que vislumbra a materialidade de uma formação que avança para além treinamento.

A identidade do adolescente infrator na televisão: reflexões pedagógicas

Ao refletir sobre a maneira como os meios de comunicação são produzidos e dirigidos por um pequeno grupo de pessoas, ao compararmos com o grupo que compõe os telespectadores, vemos que há uma desigualdade, uma hierarquização de culturas, no sentido em que poucos comunicam para muitos, sem que estes últimos tenham acesso facilitado a este instrumento tecnológico para dialogar junto ao espaço midiático.

Para compreender a fundamentação teórica que melhor dá conta de subsidiar nossas análises acerca da leitura crítica da mídia TV, importante dizer que os Estudos Culturais, desde a sua constituição na Inglaterra, estão vinculados aos estudos de todas as formas e práticas comunicativas, especialmente porque tem seus precursores oriundos da cultura popular.

Em recusa à posição de alta cultura, os Estudos Culturais investem na importância de estudar toda e qualquer prática cultural, o que nos permite fazer uma

leitura a contrapelo da evidenciada em programas de televisão, uma leitura contrária aos interesses de quem constrói determinadas mensagens. Portanto, nosso objetivo problematiza a análise da cultura oferecida pela mídia TV na construção da identidade do adolescente em conflito com a lei.

É por meio do contexto complexo da realidade humana, no qual buscamos abstrair para compreender, que pesquisamos a influência da mídia TV na construção da identidade do adolescente em conflito com a lei com orientação de análise nas bases do modo de endereçamento.

O modo de endereçamento se concretiza como uma estrutura invisível que está no texto das imagens e linguagens das telas televisivas, e que age de alguma forma sobre seus espectadores. Conforme Ellsworth (2001, p. 11), o método se resume na seguinte pergunta: "Quem este filme/programa pensa que você é?".

Nessa investigação utilizamos o modo de endereçamento – à luz dos Estudos Culturais, Bourdieu (1997), Debord (1997); Foucault (2000), Hall (2003, 2014), Kellner (2001), Martín-Barbero (2003) Thompson (2009, 2011) e na Pedagogia do Oprimido (FREIRE, 1987) - para interpretar programas de televisão; e como estes se relacionam com seus telespectadores e acabam legitimando uma ideia marginal do sujeito adolescente.

A seleção dos programas investigados teve como critérios iniciais, a transmissão em canal aberto - em que o telespectador tem acesso gratuito às programações dos canais autorizados a operar a partir de concessões -, e que a programação tivesse como temática a redução da maioria penal, a fim de propiciar campo para reflexões acerca da cultura da mídia TV na construção da identidade do adolescente em conflito com a lei.

Outro critério levado em consideração foram os índices de audiência indicados aos programas, como símbolo comercial de liberdade e legitimação da programação veiculada. Para os dirigentes, conforme demonstrado anteriormente representa o consentimento, a relação do número de receptores, sobre a programação, e com isso a adesão ou não, conforme a medição da audiência, do que está sendo dito e/ou mostrado.

Assim, o *corpus* metodológico desta pesquisa são dois telejornais que abordam a redução da maioria penal, e com essa mesma temática o programa Encontro com Fátima Bernardes, este último foi trazido, apesar de não se constituir

no formato de um telejornal, por apresentar posicionamentos distintos sobre o assunto em pauta, em que sujeitos que ocupam espaços sociais distintos têm um tempo, maior ou menor, para manifestação dos seus posicionamentos.

Primeiramente, o telejornal “SBT Brasil” que tem como âncora Rachel Sheherazade, veiculado pelo canal Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), transmitido de segunda a sexta-feira às 19h45minh; o segundo programa selecionado para análise é o telejornal “Brasil Urgente”, apresentado por José Luiz Datena, emitido pelo canal TV Bandeirantes (BAND), de segunda-feira a sábado às 16h15min; o último programa analisado, que compõe o *corpus* dessa pesquisa em âmbito de mestrado, é “Encontro com Fátima Bernardes”, transmitido de segunda à sexta-feira às 10h50min.

A partir do programa jornalístico “SBT Brasil”, apresentamos excertos que subsidiarão as análises.

“Como a gente viu muitos desses criminosos que se exibem sem vergonha nas redes sociais são menores de idade”. Ao referir-se ao adolescente autor de ato infracional, são utilizados termos que constroem uma identidade que reforça o sentimento de desprezo; foram utilizadas as expressões criminosos, sem vergonha e menor.

O programa jornalístico ao escolher determinados vocábulos para informar a ocorrência de adolescentes cometendo ato infracional, desempenha o que Bourdieu chama de (1996) “ocultar mostrando”, pois constrói um cenário que adquire um sentido que não corresponde absolutamente à realidade.

A expressão “sem vergonha” quando trazida para a oralidade pode remeter a uma forma pejorativa de referir-se ao Outro, neste caso o adolescente em conflito com a lei, que, enquanto sujeito numa perspectiva sócio-histórico, sociolinguística, socioeconômica, sociocultural e/ou sociopolítica não é problematizado, em um movimento intercultural entre o campo jornalístico, o telespectador e os adolescentes.

Ao referir-se ao termo “menor”, ao invés de adolescente, como é designado pelo ECA, a jornalista incita um cenário de desumanização ao distorcer a vocação do *ser mais* do sujeito em desenvolvimento. Por meio desse movimento midiático evidencia-se a opressão daqueles, por vezes, já sofrem outras opressões, ainda que

sua única vulnerabilidade esteja na faixa etária, que já se configura numa relação desigual, de estar sendo oprimido na sua representação.

Destacamos Woodward (2014) quando fala sobre “o poder da representação e sobre como e porque alguns significados são preferidos relativamente a outros. Todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder (...)”. O campo midiático constrói relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído.

A representação é composta por práticas de significação e os sistemas simbólicos, por meio dos quais os significados podem posicionar seus sujeitos, intencionando por vezes representar o humano como se estivesse a dizer sobre sua essência.

Para ficar mais claro, pelo fato dos adolescentes se manifestarem inadequadamente, na opinião do campo jornalístico, é abordado o assunto da redução da maioria penal para crimes hediondos, nos dando a impressão de que a atitude praticada por aqueles adolescentes chamados “criminosos” coaduna com a proposição da idade penal.

A respeito do programa “Brasil Urgente”, é preciso tirar o véu da falsa liberdade de opinião que a televisão propicia, pois se constitui em um instrumento de comunicação pouco autônomo, espaço de restrições nas relações sociais, em que há a cumplicidade objetiva, baseada em interesses ligados à posição no campo de produção simbólica e no fato que tem em comum categorias de percepção e de apreciação ligadas aos círculos sociais. Assim, vemos que a televisão, como instrumento de comunicação aparentemente desenfreado, como faz crer o jornalista, tem freio.

Fato a ser percebido no discurso de quem defende a redução da maioria penal, é o de evocar os mesmos acontecimentos reiteradas vezes, como o jornalista faz com o caso praticado pelo adolescente “Champinha”, dando-nos a percepção de que a violência tem a mesma cotidianidade que a notícia apresentada. Como expressa Debord (1997, p. 15), “(...) a realidade surge no espetáculo, e o espetáculo é real. Essa alienação recíproca é a essência e a base da sociedade.” Essa compreensão acaba por constituir a sociedade no momento em que codifica como esta deve ser vista, mutilando a realidade concreta, fazendo parecer que o espetáculo é a sua representação, dividida entre imagem e realidade.

O jornalista ainda compara a realidade brasileira com a realidade da Inglaterra, indicando a leitura de que é possível aproximar tais culturas, hierarquizando uma em detrimento da outra. Mais uma vez, vemos a mídia televisão localizando o Brasil como um país que protege a criminalidade, especialmente no tocante às infrações cometidas por adolescentes.

Com esta linha de pensamento citamos Martín-Barbero (2003) ao evidenciar a tentativa dos meios de comunicação de subordinar a sociedade de massa como aquela que não é o fim, mas o início de uma nova cultura, que os porta-vozes dos programas de televisão vislumbram como possibilidade de ascensão. Uma classe que intenciona dirigir, com a eficácia da tecnologia, a maneira como o seu público deve se posicionar sobre determinados assuntos e os objetivos que devem aspirar.

Neste panorama inculcador de ideias hegemônicas, em que as pautas jornalísticas intencionam determinar verdadeiros códigos de conduta de um grupo, destacamos as palavras de Freire (1987) sobre a opressão:

É que a realidade opressora, ao constituir-se como um quase mecanismo de absorção nos que nela se encontram, funciona como uma força de imersão das consciências. Neste sentido, em si mesma, esta realidade é funcionalmente domesticadora. Libertar-se de sua força exige, indiscutivelmente, a emersão dela, a volta sobre ela (FREIRE, 1987, p. 21).

Para esta libertação, que nesta pesquisa se configura na noção de que é preciso questionar e aprofundar a maneira como vamos decodificar os códigos midiáticos, é preciso um trabalho crítico sobre a codificação e a decodificação, como um ato de desconstrução. Ao recebermos as informações, ampliando as suas possibilidades de análise, abrimos o texto para uma variedade de significados que não foram intencionados no momento da sua codificação.

Ao invés de absorver com passividade e conformismo as ideias expostas no programa, desconsiderando todo o processo de formação e vulnerabilidade que caracteriza a fase infantojuvenil, expandir o diálogo pode ser uma saída para a leitura do conhecimento científico sobre a criança e o adolescente nos âmbitos psicológico, social, genético e biológico; possivelmente, isso possa contribuir para compreender as condições e influências que facilitam ou prejudicam o

desenvolvimento humano, e conseqüentemente, as implicações que isso gera na sociedade.

Por último apresentamos excertos de análise do programa “Encontro com Fátima Bernardes”, a maneira como a apresentadora inicia o programa demonstra como a televisão busca o caráter sensacionalista; com adjetivos que ressaltam a imagem violenta com relação ao Outro. Essa busca interessada do extraordinário pode ter até mesmo efeitos políticos, fato que verificamos com a proposta de redução da maioria penal, que, para alcançarem seus objetivos, a mídia TV constrói uma identidade estigmatizada do adolescente com direitos violados, inspirando o temor em seus telespectadores.

A televisão pode produzir o efeito real ao trabalhar com imagens, nos fazendo crer na lógica de ideias que conduz a notícia, evocando efeitos de mobilização em prol de seus interesses, como coloca Bourdieu (1997, p. 29) “a televisão que se pretende um instrumento de registro torna-se um instrumento de criação de realidade”. Assim, caminhamos para universos em que os campos sociais são descritos e prescritos pela televisão. Portanto a televisão se torna o regulador do acesso à existência social e política.

A apresentadora inicia seu programa com o relato do rapaz que fora assassinado após um roubo, mostra as imagens e questiona a mãe se ela é a favor da redução da maioria penal, o que demonstra o caminho intencional do campo jornalístico para, implicitamente, demonstrar seu posicionamento sobre o assunto.

O uso das imagens ajuda a demonstrar isso, conforme expressa Dittrich (2003, p. 27) “O texto para a TV conta com o recurso da imagem simultânea: esta, mais do que complementar, na verdade constitui o texto”.

Para dialogar sobre a temática da redução da maioria penal, o programa organizou um banquete de ideias, conforme coloca Bourdieu (1997, p. 48), “A composição do estúdio é importante porque deve dar a imagem de um equilíbrio democrático, ostenta-se a igualdade e o apresentador se apresenta como um árbitro.” Exatamente o que vemos ao longo do programa, em que havia duas categorias de pessoas, os que concordavam, e para isso foram colocados casos reais em que adolescentes mataram na tentativa de roubo, para contrapor com pesquisadores, cientistas que tentam de alguma maneira elucidar as conseqüências de determinados posicionamentos.

Como convidado do programa está também um pedagogo que vivenciou a realidade como adolescente com direitos violados internado na FEBEM. A chamada da apresentadora centra-se na eficiência ou ineficiência do sistema que o pedagogo viveu enquanto adolescente. Por conhecer a história do personagem social, a pergunta teve como intenção confirmar a tese de que a instituição não colaborou com o rapaz, ao contrário tornou-o ainda mais vulnerável.

É com clareza que vemos o objetivo do campo jornalístico de desconstrução do sistema socioeducativo que envolve os adolescentes em conflito com a lei, contudo ao retomarmos a história desse sistema, vemos que o pedagogo não foi acolhido pela doutrina da proteção integral, trazida com a Constituição Federal de 1989. Até porque, quando criança ele foi para a FEBEM (o que é FEBEM)? conduzido voluntariamente pela mãe, por se tratar na época, de uma instituição que acolhia crianças e adolescentes nas suas distintas vulnerabilidades, contudo não cumpria o papel atual de ressocialização, mas com o objetivo de abrigar, dar instrução escolar e restringir a liberdade daqueles que cometiam alguma infração.

O pedagogo deixa claro que o problema está na incompreensão de acompanharmos as crianças e os adolescentes com a devida atenção e o devido investimento que aqueles que estão em desenvolvimento tem direito. Ele evidencia que não precisaria ter sido estigmatizado como um caso irrecuperável, enquanto adolescente com direitos violados, se fosse compreendido como um ser humano com potencialidade para ser mais, acentua ainda que punir não é o caminho, mas investir na potencialidade infanto-juvenil.

Refletir sobre a possível hierarquização que se faz com o adolescente que de fato é sujeito de direito, por viver condições materiais que o permite se desenvolver de maneira a corresponder o que a sociedade espera, e aquele adolescente que, mesmo com seus direitos positivados teoricamente, ainda sofre com a ausência desses. Em que o estímulo negativo se constitui muitas vezes como a mola propulsora da sua vida.

O estímulo da fome, do não atendimento médico, da drogadição, do castigo ao contrário do lazer, condiciona sua vida em enfrentar todas as ausências que sofreu. Mas não um enfrentamento recomendado pela ética burguesa, que espera de tudo isso um comportamento exemplar, marcado pela disciplina castradora, mas

um enfrentamento que provoca na sociedade um pouco da dor que o adolescente sente a sensação do desamparo, do medo, do perigo que rodeia.

Como as crianças e os adolescentes são mais dependentes e vulneráveis que a sociedade adulta, é coerente que as consequências advindas da violência sejam tratadas com humanidade, contrariando a lógica de punir pela segunda vez quem já teve sua fase de desenvolvimento negligenciada.

Considerações da pesquisa

O espaço televisivo está a serviço de uma pequena classe, pequena em número, mas forte em poder (APPLE, 2006), pois a partir das condições econômicas ocupam espaços privilegiados com alcance para um grande público da classe popular, com foco no convencimento e na defesa do capital.

Um instrumento que pode servir a diversos interesses - burgueses e populares - com isso é necessário apropriar-se dela para um fim educativo. No ideário dos EC ao mesmo tempo em que existe o intuito de manter o sistema, por seus interstícios pode ser formada consciências críticas. A partir de recepções críticas podemos contribuir no desvelamento do atual papel televisivo e na construção de saberes por uma cultura mais humana.

Explorar suas potencialidades em imagens e textos que formam e informam principalmente nessa expansão que vivemos dos meios de comunicação, possibilita a problematização do assunto sustentado pela teoria dos Direitos Humanos em prol de um movimento intercultural.

Com base nessa investigação e a nossa atuação como professoras, propomos a realização de formação tanto inicial quanto continuada de professores para o uso das mídias de forma crítica, bem como os estudos da recepção, com o objetivo de compreender mais detidamente como as pessoas reagem e se posicionam diante do propagado e ainda, como o adolescente com direitos violados se vê na mídia TV.

Há que se debruçar sobre a compreensão dos fundamentos dos Direitos Humanos, bem como a teoria dos EC , que dão suporte para a leitura da mídia TV de forma ampla e crítica. Esse discurso eivado de preconceito contra os adolescentes em conflito com a lei, veiculado pela TV, e apresentado no corpo da

pesquisa que fundamenta este estudo, nos direciona para a urgência de debates, de cunho interdisciplinares, para maior alcance, no sentido concebido por Paulo Freire, no levante da defesa da vida e a exigência de uma vida digna para todos.

Referências

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. *In*. BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas, Vol. 1. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, [1936], 1987.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Literatura Ocidental: autores e obras fundamentais**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modo de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FABRIS, Elí Henn. Cinema e Educação: um caminho metodológico. **Educação & Realidade**. Jan/jun. 2008, p. 117-134

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação**. V. 12, nº 35, p.290-299, maio/ago. São Paulo, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) **identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Trad. Adelaine La Guardia Resende [et al]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Tecnicidades, Identidades, Alteridades: Mudanças e Opacidades da Comunicação no Novo Século. *In*: MORAES, Dênis de (Org.) **Sociedade Mídia-tizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p.51-79.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: U.F.R.J., 2003.

MOSTAFA, Solange Puntel. **Vigotsky e Deleuze: um diálogo possível?** Campinas: Alínea Editora, 2008.

MOSTAFA, Solange Puntel; NOVA CRUZ, Denise Viuniski (Org.) **Deleuze vai ao cinema**. Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2010.

MORAES, Denise Rosana da Silva. **O programa mídias na educação e na formação de professores/as: limites e possibilidades**. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Estadual de Maringá. Maringá, PR, 2013.

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula A.; GROSSBERG, Lawrence. Estudos Culturais: Uma Introdução. In: **Alienígenas na sala de aula: Uma Introdução aos estudos culturais em educação**. Tomaz Tadeu da Silva (org.) Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

POMBO, Olga. Epistemologia da Interdisciplinaridade. **Ideação** - Revista do Centro de Educação e Letras da Unioeste – *campus* de Foz do Iguaçu, v.10, nº 1, 2008. p.9-40.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. In: Autora (Org.) Roxane Helena Rodrigues Rojo. **Escola Conectada: os multiletramentos e as TIC**. São Paulo: Parábola, 2013.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 2002.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.